

REDES SOCIAIS COMO BOCA DO MUNDO: ENCRUZILHADAS, ARTE E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Larissa Macêdo¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo propor uma reflexão crítica acerca das encruzilhadas e das problemáticas inerentes à produção artística negra brasileira nas redes sociais diante dos atravessamentos causados por sistemas de inteligência artificial (IA). Para isso, articula uma discussão teórica acerca do conceito de *redes sociais como boca do mundo*, inspirado na noção de Exu Enugbarijó. A fundamentação teórica se encadeia a partir do operador conceitual das encruzilhadas, de Leda Maria Martins, que permite estabelecer outras formas de pensar as complexidades e o que está em jogo nas práticas artísticas contemporâneas compartilhadas nesses sistemas. Encruzilhadas éticas, estéticas e políticas, que ressignificam a arte, as redes sociais e a IA.

Palavras-chave: Exu. Encruzilhadas. Arte contemporânea. Redes sociais. Inteligência artificial.

ABSTRACT

This article seeks to propose a critical reflection on the *encruzilhadas* [crossroads] and the issues that are part of black Brazilian artistic production shared on social media and the impact caused by these artificial intelligence (AI) systems in those practices. To this end, it articulates a theoretical discussion on the concept of social networks as the mouth of the world, inspired by the notion of Exu Enugbarijó. The theoretical basis is articulated with the conceptual operator of *encruzilhadas* [crossroads], conceived by Leda Maria Martins, which allows different ways of thinking and understanding the complexities and stakes involved in the production of contemporary artistic practices shared on social media. Ethical, poetic, and political *encruzilhadas* [crossroads] that are disrupted and give new meaning to art, social media and AI.

Keywords: Exu. Encruzilhadas [crossroads]. Contemporary art. Social media. Artificial intelligence.

1 Professora dos cursos de graduação e pós-graduação de Comunicação Social e Licenciatura em Artes do Centro Universitário Belas Artes (FEBASP). Doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: larissacs Macedo@gmail.com.

INTRODUÇÃO - LAROYÊ, EXU^{2!}

É possível produzir e compartilhar trabalhos artísticos nas redes sociais sem alimentar a lógica dos grandes conglomerados tecnológicos (*big techs*) ou de redes sociais proprietárias, como situam os professores Deivison Faustino e Walter Lippold no livro *Colonialismo digital: por uma crítica hackerfanoniana* (2023)? Como pensar uma produção de inteligência artificial (IA) que evite a reprodução de opressões estruturais nesse tipo de aplicativo³? Quais outras perspectivas temos para pensar as artes, as tecnologias e as redes sociais na atualidade? Esses são alguns dos tensionamentos que nos instigaram a buscar por um caminho teórico-prático que abarcasse uma perspectiva contracolonial⁴ para compreender os atravessamentos e as problemáticas inerentes à produção artística nas redes sociais na atualidade.

Ao realizar esses questionamentos e perceber que a construção de pensamento em arte e tecnologia hoje parte de uma matriz eminentemente brancocêntrica (Cardoso, 2014), elencamos o operador conceitual das encruzilhadas da poeta, dramaturga, professora e rainha do congado do Rosário do Jatobá⁵ Leda Maria Martins. Tal conceito será o nosso guia para pensar as práticas artísticas e curatoriais compartilhadas por artistas e curadores negros brasileiros nas redes sociais, em especial no Instagram, plataforma escolhida para esta análise face à diversidade de recursos poéticos e estéticos presentes nela e ao amplo uso desse aplicativo no Brasil e no mundo.

A escolha do operador conceitual das encruzilhadas para pensar as práticas artísticas e curatoriais nas redes sociais busca romper com a

2 Laroyê: saudação para Exu, o orixá das encruzilhadas e da abertura e do fechamento dos caminhos. Uma observação importante para os termos de matriz afro-diaspórica: neste artigo, a maioria das palavras de etimologia do continente africano foram grafadas de acordo com os usos e a linguagem falada da língua portuguesa no Brasil.

3 Neste artigo, utilizamos o termo aplicativo (*app*) para nos referir aos aplicativos das redes sociais, como o Instagram, por exemplo. *App*: abreviação de *application* em inglês, que significa aplicativo, programa ou *software*. Existem *apps* para *smartphones*, *smartwatches* (relógios com sistemas operacionais conectados à *internet* e funções similares às dos *smartphones*), *tablets*, navegadores de *internet* e sistemas operacionais de computadores.

4 Perspectiva contracolonial criada por Antônio Bispo do Santos (Nêgo Bispo), mestre quilombola do Quilombo do Saco-Curtume (São João do Piauí (PI)). Em suas falas e livros, Nêgo Bispo afirma a contracolonização como uma postura ética, um modo de vida e uma cosmovisão criada por comunidades quilombolas e indígenas contra a colonização e em defesa da continuidade da ancestralidade em seus territórios.

5 Leda Maria Martins é rainha de Nossa Senhora das Mercês do Reinado de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá, fundado no século XIX na Fazenda Pantana, no município de Ipiritê (MG). A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá foi erguida no bairro de Itaipu e tombada como patrimônio histórico e cultural do município de Belo Horizonte (MG) (Martins, 2021a, p. 158).

predominância branco-eurocêntrica-colonial-cisnormativa na produção de estudos e trabalhos artísticos nos campos das artes, da comunicação, das redes sociais e da IA, a partir de olhares que promovam outros apontamentos e relações. Portanto, ao pensar as encruzilhadas entre a arte, as redes sociais e a IA, queremos riscar outros pontos, estabelecer diálogos e trocas com pensamentos e saberes afrodiaspóricos brasileiros; queremos contrariar as lógicas hegemônicas ao partir de outros caminhos para abordar essas práticas nas redes sociais. Uma tentativa de quebra de epistemicídios (Carneiro, 2023) e de resgate das sabedorias e tecnologias ancestrais negras brasileiras.

O operador conceitual das encruzilhadas traz outra perspectiva para analisar a produção artística afrodiaspórica brasileira e dos demais países em diáspora africana. Outras possibilidades de leituras da produção artística e curatorial de pessoas que são sistematicamente invisibilizadas na sociedade, no circuito oficial das artes e que, ao se articularem nas redes sociais, também são impactadas pelas opressões oriundas do racismo algorítmico nesses aplicativos de IA. Afinal, a quem fala a arte contemporânea? Como e para quem se está visível no sistema da arte e nos sistemas de inteligência artificial das redes sociais? Como compreender trabalhos artísticos que desafiam as lógicas dominantes desses sistemas?

Diante desses atravessamentos, este artigo articula uma discussão teórica e apresenta o conceito de *rede social como boca do mundo*, criado a partir do operador conceitual das *encruzilhadas* e inspirado na noção de Exu Enugbarijó. Uma análise que parte de uma fundamentação teórica de perspectiva contracolonial, de matriz afrodiaspórica e feminista negra, e que faz parte da tese de doutorado *Encruzilhadas: práticas artísticas e curatoriais nas redes sociais* (Macêdo, 2023).

A rede social como boca do mundo e como território de encruzilhadas nos permite riscar outras formas de compreender as redes sociais e as experiências artísticas compartilhadas em aplicativos como o Instagram. Encruzilhadas propulsoras de forças que desconstroem e ressignificam a arte contemporânea, as redes sociais e a IA na atualidade.

REDES SOCIAIS COMO BOCA DO MUNDO

A encruzilhada como operador conceitual significa a possibilidade de compreender as práticas artísticas e curatoriais compartilhadas nas redes sociais de forma interseccional, considerando tanto o território em que essas práticas são compartilhadas, quanto as possibilidades de leitura da produção artística afrodiaspórica brasileira. Trata-se de pensar a

encruzilhada como um operador conceitual de trânsito, considerando que as culturas africanas e indígenas foram reterritorializadas, transcriadas e modificadas no Brasil; e de pensar as lógicas algorítmicas e os recursos poéticos e estéticos das redes sociais como encruzadas que tensionam e ressignificam a produção artística contemporânea. Como afirma Leda Maria Martins:

Os povos negros se constituem nas encruzilhadas desses múltiplos e polissêmicos saberes. O tecido cultural brasileiro funda-se por processos de cruzamentos transnacionais, multiétnicos e multilinguísticos, dos quais variadas formações vernaculares emergem, algumas vestindo novas faces, outras mimetizando, com sutis diferenças, antigos estilos. Na tentativa de melhor apreender a variedade dinâmica desses processos de trânsito sógnico, interações e interseções, a noção de “encruzilhada” é por mim utilizada, desde 1991, como conceito e como operação semiótica que nos permite clivar as formas que daí emergem (Martins, 2021b, p. 50).

Como ferramenta analítico-metodológica, Martins articula o operador conceitual das encruzilhadas em dois termos que proporcionam aberturas de caminhos analíticos e pluriversalidade de sentidos, como é a própria encruzilhada: como princípio que oferece a possibilidade de leitura e interpretação da produção de conhecimentos afrodiaspóricos; e a encruzilhada como o território onde essas trocas se estabelecem, nas relações de conflito. Ou seja, encruzadas como geradoras de outras possibilidades de trânsitos e linguagens.

Ao pensar as práticas artísticas e curatoriais compartilhadas nas redes sociais a partir do operador conceitual das encruzilhadas, temos ambas as possibilidades acontecendo: a encruzilhada como perspectiva de leitura dos trabalhos produzidos e compartilhados nas redes sociais por artistas, curadores e arte-educadores negros brasileiros, como parte de suas práticas artísticas e curatoriais; e a rede social como encruzilhada e, portanto, território ambivalente, intenso e conflituoso, onde essas trocas se estabelecem, gerando, assim, tanto encruzilhadas poéticas com as linguagens e procedimentos artísticos e comunicacionais inerentes às características e funcionalidades desses aplicativos, quanto as encruzilhadas éticas que tensionam os regimes de visibilidade, invisibilidade e demais opressões fruto das lógicas algorítmicas presentes nesses sistemas de IA.

O operador conceitual das encruzilhadas, de Martins, parte do pensamento filosófico, de saberes e de cosmopercepções afrodiáspóricas para criar mediações e leituras contracoloniais. A partir desse conceito e, portanto, da presença, ação e noções de Exu, Martins articula uma perspectiva que se fundamenta em encontros, intersecções e desvios que geram pluriversalidade de sentidos e saberes, como o centramento e o descentramento, as confluências e as alterações, as influências e as divergências, as fusões e as rupturas, a unidade e a pluralidade, as ambiguidades e as ambivalências. Esses conceitos são trazidos em confluência (Bispo, 2023) com a cosmopercepção do tempo espiralar, em que a autora apresenta a noção do corpo como um guardião de saberes em que se concentram presente, passado e futuro.

Para os professores e pesquisadores Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino (2008, p. 22), “A encruzilhada é uma zona fronteira que abriga corpos, sons e palavras, onde, diante do contraponto que lhe é característico, emerge a pluriversalidade que traduz possibilidades diversas de invenção da vida, alicerçada na pluralidade de saberes e transformações”. Portanto, as encruzilhadas são perspectivas de mundo, na medida em que podem ser entendidas como forças organizadoras de uma cosmopercepção. Exu e, portanto, as encruzilhadas, representam a pluralidade e a dinamicidade instituídas pelas culturas afrodiáspóricas como formas de resistência, de sobrevivência, de ser e de estar no mundo.

Compreender as práticas artísticas e curatoriais nas redes sociais a partir do operador conceitual das encruzilhadas convoca-nos a conhecer as noções de Exu na matriz filosófica afrodiáspórica brasileira. Afinal, Exu é a própria encruzilhada. É a linguagem e o regente do sistema afrodiáspórico⁶. Com isso, é também a multiplicidade, e seus princípios partem de diversas características e noções que o instituem enquanto princípio filosófico.

Na diáspora africana, Exu é a potência que se reinventa a partir de seus cacos despedaçados, é a noção de Exu Yangí, o Exu ancestral, por exemplo. Exu é o senhor dos caminhos, da boca coletiva, da comunicação e da transformação. Portanto, consideram-se como princípios essenciais de

6 “Exu enquanto princípio afrodiáspórico é pluriversal. Assim, as práticas desdobradas a partir de seus princípios e potências são múltiplas e interseccionais. Os princípios e as noções de Exu na afrodiáspora brasileira resultam de muitas encruzilhadas em um longo processo histórico de violência, conflito e resistência entre os colonizadores e os diferentes grupos étnico-culturais que chegaram ao Brasil e os povos indígenas que já habitavam Pindorama. Portanto, por não haver um caráter homogêneo, é importante salientar que há variações entre as noções de Exu em cada sistema filosófico do qual ele faz parte nos candomblés, nas umbandas e nos demais cultos afrodiáspóricos” (Macêdo, 2023, p. 66).

Exu a comunicação, a dinamicidade, a transformação, a imprevisibilidade e a contradição.

Os diferentes aspectos de Exu nos ajudam a compreender as encruzilhadas e as possibilidades de atuação e criação nas frestas da arte, da comunicação e das redes sociais. Assim, as noções de Exu Yangí, Òkòtó, Enugbarijó, Obá Oritá Metá, Onã, Elebo, Elegbará, Bará, entre outras, se inter-relacionam de forma tática para que possamos compreender as práticas artísticas e curatoriais nas redes sociais como encruzilhadas. Neste artigo, focaremos na noção de Exu Enugbarijó, que inspira o conceito de rede social como boca do mundo e está a ele relacionado.

A encruzilhada é o umbigo e também é a boca do mundo. É o lugar da noção de Exu Enugbarijó – a boca coletiva –, que tudo come e nos devolve de maneira transformada. Exu é a própria encruzilhada e a sua força propulsora; portanto, sem ele não haveria o movimento, a dinamicidade da vida, princípios esses fundamentais para a existência. Exu rompe com as lógicas dicotômicas. As encruzilhadas são fronteiriças, mas também são a criação de possibilidades nas fronteiras e, principalmente, de decisão diante dessas encruzadas.

É importante ressaltar que o operador conceitual das encruzilhadas é uma perspectiva analítico-metodológica por meio da qual podemos compreender as culturas afrodiaspóricas ou qualquer outra realidade. É o território onde as trocas se estabelecem e também uma forma de leitura desses trânsitos nas relações ambivalentes de conflito e cruzamento. A encruzilhada é descrita por Martins como um “lugar terceiro”, pois sua premissa é a da criação, a da produção de uma outra coisa que não mais aquela que se iniciou, mas que, ainda assim, se constitui como um desdobramento dela.

Podemos observar isso em Enugbarijó, a noção de Exu que nos diz que se engole algo de um jeito para devolvê-lo de forma transformada. Essa é a máxima da encruzilhada de Exu Enugbarijó, o senhor da boca coletiva ou a boca que tudo come: engolir de um jeito para restituir de outro. Portanto, a partir de Enugbarijó, podemos considerar as redes sociais como uma das bocas do mundo? Redes sociais como territórios de encruzilhadas comunicacionais, poéticas e políticas ambivalentes?

Para os iorubás, Exu é o princípio do movimento como um todo, e o seu caráter enquanto potência de comunicação, criação e mobilidade é representado tanto pela boca quanto pelo falo ereto. O princípio da boca representado por Exu Enugbarijó refere-se ao campo de transformação e da criação por intermédio das ações de ingerir e regurgitar, como também da transformação do pensamento em palavra e no ato de fala, a comunicação. Exu é a palavra. Já o falo ereto refere-se aos princípios da mobilidade, da

vivacidade, da criação e da continuidade da vida. Todos esses são elementos que representam a ação de Exu no mundo.

A potência de Exu, enquanto boca que tudo come, é uma noção fundamental para pensar as práticas artísticas e curatoriais compartilhadas nas redes sociais, na medida em que esse princípio nos ensina sobre a criação, as intensidades e as transformações radicais, características essas que são comuns às redes sociais. Em um mundo de encruzilhadas, existe a necessidade de, nos entrecruzamentos da vida, engolirmos para regurgitarmos de forma transformada. Enugbarijó é a capacidade de transformação e de criação, já que se come de um jeito para devolver de outro.

Exu é resolutivo, tem como uma de suas forças a capacidade de solucionar e resolver questões e problemas. Encontrar e criar os caminhos, abri-los ou fechá-los e, principalmente, mobilizar e desenvolver tanto a existência de cada indivíduo quanto as tarefas específicas atribuídas e delegadas a cada um dos orixás. Exu não tem cabeça para carregar problemas, já que possui uma faca em sua cabeça. Uma faca que corta os problemas, ou seja, os soluciona para seguir em frente. As encruzilhadas são propiciadoras tanto de soluções quanto de caos, conflitos e caminhos para outras possibilidades ambivalentes. Portanto, afirmamos que é fundamental que não romantizemos as encruzilhadas apenas como lugares de potência, mas também como lugares onde as crises e os conflitos acontecem, gerando todo tipo de possibilidade, tal qual acontece nas lógicas e interações das redes sociais.

Se Exu é a boca que tudo come, a rede social é uma das bocas do mundo! Seguindo a máxima de Exu Enugbarijó, senhor da boca coletiva, podemos dizer que a rede social também é a boca que tudo come e restitui de forma transformada. Uma boca com apetite voraz, dentes e línguas afiadas, que comunica, multiplica, transforma e se expande com pluriversalidade de linguagens, de intensidade e de caos. Rede social que, como a própria encruzilhada, devora tudo que é criado e compartilhado nesses aplicativos e produz desde a potência das práticas artísticas e curatoriais até a disseminação de discursos de ódio, racismo algorítmico e diversas outras violências e opressões. Rede social como uma encruzilhada ética, estética e poética. Um lugar de comunicação, trocas, criações, crises, ordem e desordem, como nos ensina Exu.

A rede social como encruzilhada, como boca coletiva de linguagens, movimentos, territórios e espaços. Como afirma Martins, a encruzilhada como território onde essas trocas se estabelecem, nas relações de conflito e encruzadas como geradoras de outras possibilidades de trânsitos e linguagens. Segundo o professor e pesquisador Milton Santos (1978), a utilização do território pelo povo cria um espaço imutável em seus limites e em constante mudança. Com isso, podemos entender *território* como o lugar onde

se realizam todas as ações, paixões, poderes, forças e fraquezas. Podemos fazer uma correlação dessa noção de território com as redes sociais como boca do mundo, como encruzilhada e suas diferentes abstrações, materialidades, códigos e intensidades.

Para compreender a rede social como encruzilhada e as práticas artísticas e curatoriais criadas no Instagram, precisamos riscar uma encruza fundamental ao entender a rede social como uma das bocas do mundo. A boca que tudo come se farta de todos os elementos e códigos presentes nesses sistemas e os devolve de maneira outra, na mesma intensidade que engole tudo que é realizado e compartilhado nesses *apps*.

ENCRUZILHADAS E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Como encruzilhada, os *apps* das redes sociais presentes em *smartphones* ressignificaram a nossa experiência comunicacional e de vida contemporânea. Uma mudança provocada e estimulada pelas empresas de *big data*, as *big techs*, grandes conglomerados econômicos e tecnológicos que se tornaram um dos modelos de negócios mais agressivos, extrativistas e lucrativos do mundo. Engana-se quem pensa que redes sociais como Instagram ou TikTok, por exemplo, são novidades passageiras como ocorreu com o Orkut, que, como o tempo de Chronos⁷, teve início, meio e fim. Uma trajetória que seguia um antigo paradigma de que, no universo da *internet*, no ciberespaço ou nos ambientes “virtuais” e digitais, tudo era novidade fugaz! Alphabet, Meta, ByteDance, X (ex-Twitter), entre outros, não estão experimentando projetos, estão perpetuando um modelo de negócio opressor. A fugacidade foi trocada pela disseminação e ânsia extrativistas de obter os maiores retornos possíveis nesse “novo mercado” emergente de dados. A colonialidade vive, pulsa e atualiza suas ferramentas na mesma velocidade com que perpetua as políticas da escassez, típicas do sistema social colonial cosmofóbico (Bispo, 2023). Esses *apps* de redes sociais vieram para ficar, lucrar e disseminar, de forma cada vez mais ostensiva, um modelo de negócios fundamentado em seus “Algoritmos de Destruição em Massa (ADMs)”, como bem define a pesquisadora e matemática Cathy O’Neil (2020).

Trata-se de um modelo de negócios que fomenta uma economia de dados, de tempo e de atenção calcada no *big data*, com o objetivo de manter as pessoas o máximo de tempo possível em suas plataformas sociais digitais, para monetizar os dados pessoais, de navegação, de comportamento,

⁷ Chronos: deus do tempo cronológico da mitologia grega.

de mídia e de toda ordem. Sorria, você está sendo mapeado! Isso só é possível porque as redes sociais são sistemas de IA; portanto, regidos por algoritmos programados para realizar todo tipo de ação de agenciamento dessas comunidades *on-line*. Essa é uma das linguagens estruturantes dessa encruzilhada. Por isso, não há como falar de rede social sem falar de IA e, assim, de algoritmos.

As redes sociais são sistemas de IA e, nesse sentido, são aplicativos que funcionam por meio de códigos – os algoritmos –, que constituem uma sequência determinada de ações com o objetivo de obter uma solução para um problema, segundo os campos da matemática e da ciência da computação. Não temos certeza de como são articulados os algoritmos das redes sociais, já que não há transparência nesses processos por parte das empresas proprietárias desses *apps*; pelo contrário, os grandes oligopólios tecnológicos evitam, de todas as formas possíveis, expor o funcionamento e a composição de seus códigos. Como afirma o pesquisador Tarcízio Silva: “As plataformas reforçam discursiva e legalmente a opacidade e a evasão de responsabilidade para se protegerem também da percepção pública sobre o volume de comportamentos nocivos que processam a cada dia” (Silva, 2022, p. 45).

Como sociedade, foi apenas recentemente que começamos a construir um processo mais estruturado para a criação de políticas públicas, como, por exemplo, o recente PL das *Fake News*⁸ (Brasil, 2020), para regulação, no Brasil, dos sistemas descritos. Um processo que, embora esteja em andamento, é tardio, já que se iniciou somente após: a crescente difusão de discursos de ódio e da ameaça constante de *fake news* nos diversos âmbitos sociais; a manipulação dos sistemas democráticos, que foram sucessivamente colocados em risco de forma global; a verificação dos impactos desse sistema na saúde mental; e a reprodução de opressões sociais, racismo e outros crimes como uma das forças motoras dessas plataformas sociais digitais. Enquanto sociedade, demoramos demais para quebrar o fascínio por esses aplicativos.

Na atualidade, é comum ouvir que o ódio mobiliza as redes. Será que o discurso de ódio e a intensividade causada pelo compartilhamento de discussões, agressões e conflitos (e pela adesão a eles) são uma das grandes forças propulsoras das redes sociais? Segundo o escritor e jornalista

8 PL das *Fake News*: Projeto de Lei nº 2.630, criado em 2020 no Brasil. Estabelece normas relativas à transparência de redes sociais e de serviços de mensagens privadas, sobretudo no tocante à responsabilidade dos provedores pelo combate à desinformação e pelo aumento da transparência na *internet*; à transparência em relação a conteúdos patrocinados; e à atuação do poder público. Estabelece também sanções em caso de descumprimento da lei.

Max Fischer, alguns pesquisadores do Facebook afirmaram, em 2018, que “Nossos algoritmos exploram a atração do cérebro pela discórdia” (FISCHER, 2023, p. 19), e também que “Os sistemas do Facebook eram projetados de tal modo que levavam aos usuários cada vez mais conteúdo de discórdia, de forma a conquistar a atenção e aumentar o tempo do usuário na plataforma” (Fischer, 2023, p. 19).

A rede social como boca que tudo come e devolve de forma transformada não é apenas uma potência criativa comunicacional e artística, mas também uma força geradora de crises e conflitos. Essa é uma das características que evidencia esses sistemas como encruzilhada e, portanto, desvela também a noção de boca que tudo come de Exu Enu-gbarijó. Vale lembrar que não há lugar apaziguado na encruzilhada; a rede social como boca coletiva é o território onde essas trocas se estabelecem, nas relações de conflito e encruzadas como propulsionadoras de outros trânsitos, linguagens e caos.

Quando falamos de pessoas negras e indígenas, mulheres, pessoas de gêneros dissidentes, entre outros grupos minorizados, esses sistemas reproduzem o racismo e as violências dos outros espaços sociais de forma aguda. Segundo Luiz Valério Trindade, os discursos de ódio e as linguagens de que eles se valem nas redes sociais têm um alvo que se repete à exaustão: as mulheres negras. O sociólogo afirma, em seu livro *Discurso de ódio nas redes sociais*, que por volta de 80% das vítimas de discursos de ódio de cunho racista são mulheres negras (Trindade, 2022).

Além da reprodução do racismo nas interações presentes nas redes sociais, há também o racismo algorítmico presente no *modus operandi* dessas plataformas. Como afirma a professora e pesquisadora Brendesha Tynes: “O racismo online é um sistema de práticas contra pessoas racializadas que privilegiam e mantêm poder político, econômico e cultural para os brancos no espaço digital” (Tynes *apud* Silva, 2020, p. 122).

Complementando essa discussão, Tynes e Silva afirmam que, nos ambientes digitais, precisamos nos aprofundar nas questões que tangem o racismo algorítmico:

Nos ambientes digitais, entretanto, temos um desafio ainda mais profundo quanto à materialidade dos modos pelos quais o racismo se imbrica nas tecnologias digitais através de processos “invisíveis” nos recursos automatizados como recomendação de conteúdo, reconhecimento facial e processamento de imagens. É preciso entender também suas manifestações “construídas e expressas na infraestrutura online ou *back end* (ex.: algoritmos), ou através da interface (ex.: símbolos, imagens, voz, texto e representações gráficas)” (Tynes *et al*, 2019, p.195) (Silva, 2020, p. 122).

Lembrando que não temos o objetivo de realizar uma discussão tecnocrática; aqui nos interessa os atravessamentos sociopolíticos e comunicacionais presentes nesses espaços: tanto de forma estruturante, quanto nas práticas artísticas e curatoriais compartilhadas por artistas negros brasileiros nas redes sociais. A professora e pesquisadora Ruha Benjamin salienta bem isso quando conceitua a questão racial como tecnologia:

Como já argumentei anteriormente, podemos conceitualizar a própria raça como um tipo de tecnologia, aquela que cria universos sociais paralelos e morte prematura, e que requer manutenção e atualização rotineiras. A tecnologia não é apenas uma metáfora racial, mas um dos muitos meios pelos quais as formas anteriores de desigualdade são atualizadas. Por esse motivo, é vital que os pesquisadores façam um balanço rotineiro das ferramentas conceituais que usamos para entender a dominação racial (Benjamin *apud* Silva, 2020, p. 16).

Portanto, não há como falar de práticas artísticas e curatoriais nas redes sociais compartilhadas por artistas, curadores e arte-educadores negros brasileiros sem compreender as questões raciais e as lógicas algorítmicas desses sistemas. Nessa encruzilhada, não há apenas os elementos estéticos e poéticos em jogo. Há, também, as questões éticas, políticas e todo um modelo de negócio, estratégias mercadológicas e tecnológicas de perpetuação do racismo, da misoginia, da LGTBQIAP+fobia, entre outras opressões, e não é preciso ser programador ou cientista de dados para entender os efeitos e as lógicas de funcionamento da IA. Em uma sociedade dominada pela economia do *big data* e, com isso, pelos sistemas de IA e pelo pacto narcísico da branquitude (Bento, 2022), buscar tal entendimento é uma urgência e dever de todos. Como bem situa Jurema Werneck ao falar das questões raciais no Brasil, fala que vale para os impactos da IA na sociedade também: “A era da inocência acabou! Já foi tarde!” (Werneck, 2003, p. 40).

A rede social como boca do mundo, boca que tudo come, que restitui de forma transformada e também que comunica, que é potência criativa, que é intensiva nas trocas e linguagens e que tem o caráter comunicacional como força motriz, é uma expressão de Enugbarijó, noção de Exu que tem a boca faminta, que come tudo que a boca come. Propulsiona as potências artísticas e curatoriais compartilhadas nas redes sociais, práticas que só são possíveis nas encruzilhadas dessas comunidades *on-line*. Rede social como boca do mundo que engole tudo e vomita também o ódio, o racismo,

a misoginia e as demais opressões codificadas em seus algoritmos. Assim são as encruzilhadas! Como diz um itan⁹: Exu mostra que a língua pode ser boa ou má, depende do seu uso.¹⁰

ARTE COMO ENCRUZILHADA

A encruzilhada entre arte, redes sociais e IA é fundamental para pensarmos as práticas artísticas e curatoriais negras compartilhadas nas redes sociais na atualidade. Como vimos, os riscos dessa encruza se entrecruzam de forma interseccional e conflituosa, gerando outras possibilidades para pensar os campos da arte e tecnologia e da comunicação. Como boca que tudo come, as redes sociais e seus sistemas de IA transformam tudo que é postado e articulado nesses espaços. Enugbarijó nos ensina que dois corpos encruzilhados formam uma terceira presença, aquela que é “+1”. Exu é aquele que cria a partir da ordem, da desordem e carrega o azeite na peneira sem deixar derramar uma gota¹¹.

O conceito de encruzilhada combate qualquer forma de absolutismo, hegemônico ou não. A potência da encruzilhada é o movimento dinâmico enquanto sendo o próprio Exu. Essa perspectiva não apenas emerge para expor as potências e as contradições das práticas artísticas e curatoriais negras compartilhadas nas redes sociais, como também evidencia a encruzilhada como perspectiva para lermos a arte, as redes sociais, a IA e o mundo a partir das potências de Exu, que encarna e mobiliza a própria encruzilhada. Como Enugbarijó, as práticas artísticas e curatoriais nas redes sociais são uma transgressão, e não apenas uma subversão; Exu atua sem a pretensão de exterminar o outro, mas de engoli-lo, atravessá-lo, adicioná-lo e transformá-lo.

9 Itan: segundo Juana Elbein dos Santos, “a palavra Nàgô itàn designa não só qualquer tipo de conto, mas também essencialmente, os *itàn àtowódówó*, histórias de tempos imemoriais, mitos, recitações, transmitidos oralmente de uma geração à outra, particularmente pelos babaláwo, sacerdotes do oráculo Ifá. Os itàn-Ifá estão compreendidos nos duzentos e cinquenta e seis ‘volumes’ ou signos, chamados Odù, divididos em ‘capítulos’, denominados ese” (Santos, 2012, p. 57).

10 “Mito 167. Exu Mostra que Língua Pode Ser Boa ou Má, Brasil, 2005: Oxalá pediu a Exu que lhe servisse, em refeição, a melhor coisa do mundo. Exu foi ao mercado, comprou língua bovina, preparou-a e deu ao orixá. Farto de tanto comer, Oxalá aprovou a escolha e, para o dia seguinte, solicitou que lhe fosse dado para comer a pior coisa do mundo. Novamente Exu preparou-lhe língua bovina. Então, explicou: a língua pode ser boa ou má dependendo do seu uso (adaptado de Martins, 2005, p. 39)” (Silva, 2022, p. 545).

11 Trecho de um oriki de Exu.

Nas últimas décadas, são diversos os questionamentos relacionados à ausência de neutralidade das tecnologias digitais, ficando cada vez mais evidente que os sistemas de IA não oferecem um campo equânime para o compartilhamento de diferentes pensamentos, ações e identidades. Ao invés disso, tornam-se mais um lugar de segregação, de racismo institucional e de outras discriminações, como as relacionadas à classe, aos gêneros, às sexualidades, aos corpos, entre outras violências. Não é preciso ser cientista da computação para perceber que esse sistema é falho ou, como afirma Liliana Cano, no livro *Cyberfeminism Index* (2022), “Não precisamos ser *experts* para destripar máquinas” (Cano *apud* Seu, 2022, p. 256). Basta olhar os impactos que estamos vivenciando cotidianamente. No caso da IA, é evidente que esses sistemas trazem consequências severas para todos. Sistemas que costumam punir as exceções ao padrão programado e geram perdas e danos sociais imensuráveis, além de atualizarem a ação necropolítica (Mbembe, 2018) do Estado.

O mais chocante é que, para a área de ciência da computação, isso muitas vezes é visto como um dano colateral, algo que é inerente aos modelos de IA, na medida em que, na IA, dada sua linguagem algorítmica, tanto a lógica de programação quanto os dados de treinamento para os sistemas algorítmicos trazem consigo problemáticas e questões sociais estruturais. Silva (2022) aponta que é importante a gente lembrar que um *software*, um modelo estatístico ou um modelo de aprendizado de máquina não existem em um vácuo. Não se trata apenas de código, mas sim da materialização de relações econômicas, raciais e de poder em um sistema que pressupõe visões de mundo, entradas de dados, saídas de resultados e objetivos específicos. Um sistema que parte de uma referência criada por uma maioria de homens brancos, cisgêneros e heterossexuais, oriundos de países do norte global.

A forma como as redes sociais reproduzem opressões ao invisibilizarem corpos que não pertencem ao padrão normativo de raça, gênero, classe e sexualidade nos angustia e inquieta, especialmente no que tange à produção e presença de artistas, críticos, curadores e arte-educadores negros nesses ambientes. Assim, à medida que a IA se destaca como uma das principais tecnologias desenvolvidas nas últimas décadas, podemos identificá-la como um dos sistemas de opressão mais violentos e sofisticados pelos quais os grupos hegemônicos atualizam as desigualdades e perpetuam o racismo e a violência cispatrilcaral estrutural na sociedade. Poéticas que encruzilham Exu, os afetos, as práticas artísticas e curatoriais compartilhadas nas redes sociais ao longo dos últimos anos de presença efusiva

desses sistemas em nossas vidas. Poéticas das encruzilhadas¹², que, como Exu, ampliam a experiência artística sensível e as políticas antirracistas nas redes sociais e reforçam o papel da arte como força crítica de reinvenção da sociedade. Como afirma o curador e pesquisador Moacir dos Anjos, são vetores da “Arte como contra-história. Arte como Encruzilhada” (Anjos, 2021). Que a gente possa cada vez mais fazer com que a arte seja efetivamente um elemento de contra-história, criadora de encruzilhadas que nos impulsionem a avançar. Axé!

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Moacir dos. Arte como encruzilhada. *Revista Zum*, Colunistas, São Paulo, 26 fev. 2021. Disponível em: <https://revistazum.com.br/colunistas/arte-como-encruzilhada/>. Acesso em: 1 abr. 2024.
- BENTO, Cida. *Pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei PL nº 2.630/2020 e seus apensados. [PL das Fake News]. Institui a lei brasileira de liberdade, responsabilidade e transparência na internet. Autoria do Senador Alessandro Vieira. Brasília, DF: Presidência da República, 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2256735>. Acesso em: 1 abr. 2024.
- CARDOSO, Lourenço. *O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil*. 2014. 290 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/ciencias_sociais/3146.pdf. Acesso em: 1 abr. 2024.
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. *Colonialismo digital: por uma crítica hackerfanoniana*. Prefácio de Sérgio Amadeu. São Paulo: Boitempo Editorial, 2023.
- FISCHER, Max. *A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo*. São Paulo: Todavia, 2023.

12 Poéticas das encruzilhadas: conjunto de três procedimentos artísticos comunicacionais experimentais presentes em postagens e trabalhos criados e compartilhados nas redes sociais por artistas e curadores negros e indígenas brasileiros, inspirado nas noções de Exu: Yangí, Òkòtó e Enugbarijó. Conceito desenvolvido por Larissa Macêdo na tese *Encruzilhadas: práticas artísticas e curatoriais nas redes sociais* (2024).

- MACÊDO, Larissa. *Encruzilhadas: práticas artísticas e curatoriais nas redes sociais*. 2023. 293 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/40819>. Acesso em: 1 abr. 2024.
- MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva, 2021a.
- MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021b.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- O'NEIL, Cathy. *Algoritmos de destruição em massa: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia*. Santo André: Editora Rua do Sabão, 2020.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Piseagrama: Ubu Editora, 2023.
- SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nagô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. São Paulo, Hucitec: Edusp, 1978.
- SEU, Mindy. *Cyberfeminism Index*. Los Angeles: Inventory Press, 2022.
- SILVA, Tarcízio. *Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022. E-book.
- SILVA, Tarcízio (org.). *Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiáspóricos*. São Paulo: LiteraRUA, 2020.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. *Exu: um deus afro-atlântico no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2022.
- SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.
- TRINDADE, Luiz Valério. *Discurso de ódio nas redes sociais*. São Paulo: Jandaíra, 2022. (Feminismos Plurais).
- WERNECK, Jurema. A era da inocência acabou, já foi tarde. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (org.). *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. (Coleção Valores e Atitudes).